LABORATÓRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA: A CONSTRUÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DO DIALETO VALE-PARAIBANO E AS INTERSEÇÕES HISTÓRICAS, ÉTNICAS E FONÉTICAS

Giulianna Guarnieri de Faria Pereira, João Vitor Vieira Macedo, Marília Gabriela Rodrigues Teixeira, Roberto Gomes Monção Junior

Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, giuliannagfp2006@gmail.com, joaovitorvieiramacedo@gmail.com, marigrabriela881@gmail.com, roberto.moncao@univap.br

Resumo

O presente artigo relata e analisa as ações pedagógicas e de extensão universitária desenvolvidas pelo Laboratório de Língua Portuguesa, voltadas à investigação e à difusão do processo histórico, demográfico e sociolinguístico de formação do dialeto Vale-Paraibano no contexto da Paulistânia. A metodologia fundamenta-se na articulação entre pesquisa bibliográfico-documental e oficinas extensionistas de conscientização linguística. Os resultados evidenciam que o dinamismo histórico do Vale do Paraíba — desde a Língua Geral de base Tupi-Guarani até a introdução das línguas Banto e Sudanesa durante a expansão cafeeira — moldou traços marcantes como o "R" retroflexo, o rotacismo e as simplificações morfossintáticas. Conclui-se que as atividades de extensão do Laboratório de Língua portuguesa cumprem um papel transformador ao reaproximar a comunidade de sua identidade fonética, demonstrando que o falar vale-paraibano é fruto de uma rica complexidade histórica e cultural

Palavras-chave: Dialeto Vale-Paraibano; Dialeto Caipira; R Retroflexo; Paulistânia; Sociolinguística Histórica.

Área do Conhecimento: Enexun

Introdução

A Extensão Universitária desempenha um papel fundamental ao conectar o conhecimento acadêmico produzido na universidade às demandas e à realidade da comunidade externa. No âmbito do Laboratório de Língua Portuguesa, essa premissa concretiza-se por meio de projetos voltados à reflexão sobre a diversidade linguística, o patrimônio imaterial e o combate ao preconceito linguístico que historicamente estigmatiza as falas regionais e rurais. Nesse cenário, o estudo e a difusão da construção sociolinguística do dialeto Vale-Paraibano emergem como uma ação de relevante valor social e pedagógico.

Do ponto de vista histórico e cultural, a região do Vale do Paraíba e Litoral Norte paulista, composta por 35 municípios, insere-se na vasta extensão territorial denominada Paulistânia. Essa região, que se desdobra do planalto paulista e paranaense até as calhas dos rios Iguaçu e Paraná, define-se primordialmente por modos de vida compartilhados e por uma identidade linguística própria, desenvolvida à margem das imposições burocráticas metropolitanas. (Cordova; Victal, 2017, p. 266)

A gênese desse espaço geográfico e dialetal remonta aos contatos iniciais entre os exploradores europeus e os povos indígenas autóctones, como os Guaianazes, Tamoios, Carijós, Tupinaés e Tememinós. O isolamento geográfico inicial da Vila de São Paulo de Piratininga favoreceu uma simbiose cultural e linguística com os costumes nativos, consolidando o uso da Língua Geral Paulista de base Tupi-Guarani. Com a abertura dos caminhos mineradores no século XVIII e o posterior advento da lavoura cafeeira no século XIX, o Vale do Paraíba tornou-se um importante efervescente polo econômico e demográfico. (Candido, 2010; Cordova; Victal, 2017)

A introdução massiva de populações africanas escravizadas de matrizes Banto (como os povos Angola, Benguela e Cabinda) e Sudanesa (como os Mina) reconfigurou o tecido social e o sistema de comunicação da região. Sob essa perspectiva, o projeto de extensão do Laboratório de Língua Portuguesa busca responder à seguinte questão: de que maneira as atividades extensionistas podem utilizar a história da convergência étnica no Vale do Paraíba para recontextualizar os traços fonéticos do dialeto caipira, promovendo a valorização da identidade local e a conscientização sociolinguística?

A região do Vale do Paraíba e Litoral Norte paulista engloba atualmente 35 municípios organizados em sub-regiões administrativas. Do ponto de vista histórico-cultural, esse território corresponde a uma fração expressiva do que a historiografia e a sociologia denominam "Paulistânia" — vasta extensão geográfica que se projeta do planalto paulista e paranaense até as escarpas do Rio Iguaçu, alcançando trechos do Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e o vale médio do Rio Paraíba. A delimitação desse espaço transcende parâmetros puramente burocráticos ou divisões administrativas coloniais, definindo-se prioritariamente por suas manifestações socioculturais e modos de vida compartilhados.

A gênese desse espaço geográfico e linguístico remonta aos contatos iniciais entre os exploradores europeus e os povos autóctones. O conhecimento dos nativos em relação à topografia, fauna e flora foi indispensável para a viabilização das incursões sertanejas voltadas à busca de minérios e à arregimentação de mão de obra silvícola. Nesse cenário, etnias como os Guaianazes, Tamoios, Carijós, Tupinaés e Tememinós estabeleceram contatos intensos com os primeiros povoadores, dando origem à figura do bandeirante — indivíduo fruto da miscigenação euro-ameríndia.

O isolamento geográfico da Vila de São Paulo de Piratininga em relação à metrópole e a outras feitorias litorâneas propiciou uma simbiose cultural com os hábitos indígenas. Essa aproximação refletiu-se nos métodos de subsistência, na caça, na pesca e na consolidação de uma linguagem comum baseada no tupi, denominada Língua Geral Paulista. Contudo, o espaço vale-paraibano não permaneceu estático ou isolado; a partir dos séculos XVII e XVIII, converteu-se em um entreposto logístico vital para a circulação de riquezas, integrando os caminhos que ligavam as jazidas auríferas de Minas Gerais ao porto exportador do Rio de Janeiro.

A transição econômica para a lavoura açucareira e, posteriormente, para a cafeicultura impulsionou a entrada do elemento afro-descendente no espaço rural vale-paraibano. A chegada expressiva de africanos de diversas matrizes etnolinguísticas reconfigurou o tecido social da região.

O objetivo central do projeto consiste em compreender e divulgar junto à comunidade escolar e local como a convergência, entre os povos autóctones, os colonizadores europeus e as populações africanas escravizadas, influenciou a estrutura fonética e lexical da variante regional caipira, promovendo o combate ao preconceito linguístico e a valorização do patrimônio imaterial regional.

Metodologia

Esta investigação fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e de natureza histórico-documental e bibliográfica, na qual a construção do corpus analítico ampara-se no levantamento e contraste sistemático de fontes historiográficas, demográficas e linguísticas especializadas. O referencial teórico mobilizado articula-se em três eixos centrais de análise que se complementam. O primeiro eixo, dedicado à história territorial e cultural, ampara-se nos estudos de Cordova e Victal (2017) e Candido (2010) para conceituar a extensão geográfica da Paulistânia e as dinâmicas de formação do homem caipira e da sociabilidade sertaneja. O segundo eixo aborda a demografia histórica e a escravidão a partir das pesquisas de Savieto (2010), Karasch (2000) e Miller (2008), as quais documentam as rotas dos caminhos mineradores e cafeeiros, além do fluxo transatlântico e interprovincial de escravizados centro-africanos e sudaneses para o Vale do Paraíba. O terceiro eixo contempla a sociolinguística e a dialetologia, estruturando-se com base nos trabalhos de Hautz (2021) e Brandão (2007) para investigar a gênese do "R" retroflexo, a influência dos troncos Tupi e Macro-Jê, bem como a contribuição das línguas Banto — como o Quimbundo e o Quicongo — e Sudanesas no sistema fonético e gramatical do falar regional.

A partir desse arcabouço, a análise dos dados foi realizada por meio da triangulação de fontes, cruzando relatórios populacionais antigos, cartografia histórica e registros iconográficos, como as fotografias de colheita de café registradas por Marc Ferrez no século XIX, com as teorias fonéticas relativas à substituição de fonemas e ao fenômeno do rotacismo.

Resultados

As ações de pesquisa e extensão do Laboratório de Língua Portuguesa permitiram mapear e sistematizar as etapas históricas da formação do dialeto Vale-Paraibano, disponibilizando esses achados em formato acessível para as atividades com a comunidade.

A organização espacial do Vale do Paraíba esteve intimamente vinculada ao estabelecimento de caminhos de conexão entre o planalto paulista, o litoral e as minas gerais. Já no século XVII, núcleos urbanos pioneiros como Taubaté (1645) e Guaratinguetá (1651) surgiram ao longo de antigas trilhas indígenas. O denominado "Caminho Velho" servia de rota para tropeiros que transportavam

mantimentos e mão de obra para as áreas de mineração, descendo a serra com produtos importados adquiridos no porto do Rio de Janeiro.

Com o intuito de coibir o desvio do ouro e garantir maior controle fiscal, a Coroa Portuguesa abriu alternativas viárias. Em 1778, consolidou-se o "Caminho Novo da Piedade", integrante da Estrada Real, que cortava a calha do Vale do Paraíba. Cidades como Lorena, Areias, Bananal e Pindamonhangaba expandiram-se ao longo desse eixo. Embora inaugurada na fase de declínio da mineração aurífera, essa malha viária tornou-se a espinha dorsal para o escoamento da produção de açúcar e, sobretudo, para a expansão dos cafezais ao longo do século XIX. (Savieto, 2010)

O avanço da cafeicultura exigiu um volume expressivo de mão de obra, promovendo uma profunda reconfiguração demográfica. Os cafeicultores do Vale do Paraíba abasteciam suas propriedades por meio do tráfico transatlântico e do comércio de cabotagem. Agentes comerciais e tropeiros deslocavam-se até a Corte imperial no Rio de Janeiro para adquirir africanos recém-desembarcados. Registros demográficos do século XIX apontam que a posse de cativos era disseminada no Vale, estendendo-se desde os grandes "barões do café" até pequenos lavradores rurais. Na Vila de Areias, por exemplo, o número de escravizados evoluiu expressivamente de 1.570 indivíduos em 1817 para 5.299 em 1829.
Historiadores destacam que a população negra trazida para os cafezais paulistas possuía origens heterogêneas. O tráfico interno proveniente de Minas Gerais introduziu indivíduos de matriz Sudanesa (especialmente os Mina). Por sua vez, o comércio transatlântico direto via Rio de Janeiro trouxe contingentes da região Centro-Sul da África, destacando-se os povos Angola, Benguela, Cabinda e Moçambique.

A análise da formação linguística regional demonstra a existência de um cenário multilinguístico complexo. Estima-se que no século XV eram faladas mais de mil línguas no território brasileiro. Para fins de catequese e administração colonial, os jesuítas e a Coroa codificaram dicionários com base no tronco Tupi, que englobava dez famílias linguísticas (entre elas o Tupi-Guarani, falado pelos Tamoios do Vale do Paraíba). A Língua Geral Paulista originou-se do bilinguismo dos mestiços que habitavam o planalto do Piratininga.

No entanto, pesquisadores da dialetologia ponderam que a herança do Tupi-Guarani no dialeto caipira restringiu-se majoritariamente ao campo lexical (nomes de fauna, flora e toponímia). Por outro lado, traços fonéticos marcantes, como a articulação do "R" retroflexo, encontram hipóteses explicativas na influência de línguas do tronco Macro-Jê — especificamente de grupos como os Oti, Kaingang e Ofaié, que possuíam o som do "R" forte e retroflexo em seus sistemas fonológicos. (Brandão, 2007)
No que tange ao elemento africano, a influência no português falado no Brasil operou alterações estruturais no sistema léxico e gramatical. As línguas do grupo Níger-Congo, com ênfase no ramo Banto (como o Quimbundo e o Quicongo), desencadearam processos de simplificação morfossintática, tais como a redução das flexões de plural e o abrandamento de verbos no infinitivo.

Em termos fonéticos, como as línguas bantas não possuem o "R" vibrante múltiplo forte em seu sistema fonológico original, ocorria a substituição desse som pela consoante linguodental "L" ou por um "R" brando. Esse processo linguístico motivou o fenômeno do rotacismo — a troca sistemática entre o "L" e o "R" em encontros consonânticos ou posições de travos de sílaba, padrão recorrente no falar caipira tradicional. (Brandão, 2007)

Discussão

O traço fonético de maior destaque no dialeto vale-paraibano é a consoante retroflexa [ɻ], popularmente conhecida como "R caipira". Esse fenômeno articulatório de acordo com Brandão (2007), caracteriza-se pelo encurvamento da ponta da língua em direção ao palato duro durante a emissão sonora. Mapeamentos dialetológicos demonstram que a presença do "R" retroflexo não se restringe às divisões geopolíticas do Estado de São Paulo, projetando-se por Minas Gerais, Paraná, Goiás, Mato Grosso do Sul e partes da Região Sul — exatamente o contorno histórico atribuído ao espaço da Paulistânia.

A gênese desse fonema suscita debates na sociolinguística. Em virtude da escassez de registros escritos das línguas nativas pré-coloniais (uma vez que a transmissão cultural ocorria prioritariamente pela oralidade), a reconstituição exata das origens articulatórias permanece em constante investigação. Contudo, a tese de intersecção multilinguística sustenta que o "R" caipira emergiu da tentativa de acomodação fonética entre falantes nativos de línguas autóctones (com destaque para o grupo Macro-Jê), colonos portugueses provenientes de distintas regiões ultramarinas e populações escravizadas.

A presença africana no Vale do Paraíba não atuou apenas como força motriz da lavoura cafeeira, mas deixou marcas indeléveis na construção da identidade cultural e da linguagem. O convívio continuado entre os escravizados e a população sertaneja motivou transformações profundas na estrutura linguística regional.

Estudos linguísticos apontam que o contato das populações Bantas e Sudanesas com o português quinhentista e com a Língua Geral produziu um processo de reestruturação do código falado. Em decorrência das especificidades auditivas e articulatórias das línguas africanas, diversos fonemas do português passaram por adaptações:

1. **Apócope das consoantes finais:** O "R" e o "L" ao final de palavras tendem a ser eliminados na pronúncia popular (ex.: *geral* > *generá*; *esquecer* > *esquecê*; *mel* > *mé*).
2. **Adaptação fonética da consoante forte:** A ausência do "R" vibrante múltiplo nas línguas Bantas levava os falantes a substituir o som por "L" ou "R" fraco (ex.: *rapaz* > *lapassi*; *carro* > *calo*).
3. **Rotacismo:** A variação e substituição entre consoantes líquidas em posição implosiva, transformando o "L" em "R" (ex.: *falsidade* > *farsidade*).
4. **Metátese:** A transposição de fonemas no interior da palavra (ex.: *porque* > *pruquê*).

Alguns investigadores da linguagem sugerem que o dialeto caipira gestado no planalto paulista e estendido ao Vale do Paraíba teve origem em um falar de transição de tipo tupi-quimbundo. Esse código, ao passar por posterior e intencional aportuguesamento ao longo dos séculos XVIII e XIX, consolidou as características morfossintáticas e fonéticas que foram sistematizadas por pesquisadores como Amaral (1976).

A diversidade étnica registrada nos inventários e nas imagens do século XIX — como as fotografias do acervo de Marc Ferrez retratando colhedores de café e comboios de carros de boi — atesta visualmente a convivência cotidiana e o trabalho compartilhado que alimentaram a manutenção desse sistema linguístico próprio.

Conclusão

O dialeto Vale-Paraibano constitui um patrimônio imaterial indissociável da história social da Paulistânia. Longe de representar um desvio gramatical ou uma forma "inculta" do português, a variante caipira é o resultado sociolinguístico de processos históricos de convergência étnica, fluxos migratórios e transformações econômicas ao longo de quatro séculos.

A formação do espaço vale-paraibano, impulsionada pelas rotas bandeirantes, pelas trilhas do ouro e pela expansão dos cafezais, funcionou como um cadinho cultural. A simbiose entre as populações nativas Tupi e Macro-Jê, a estrutura administrativa colonial e a massiva presença de africanos de origens Banto e Sudanesa criaram as condições para o surgimento de um sistema fonético e gramatical singular. Traços como o "R" retroflexo, o rotacismo e as simplificações morfossintáticas refletem os mecanismos de resistência, adaptação e comunicação tecidos no cotidiano das fazendas e caminhos da região.

Compreender a construção do dialeto Vale-Paraibano sob uma perspectiva histórica e linguística é fundamental para valorizar a diversidade cultural do Sudeste brasileiro e combater o preconceito linguístico, reconhecendo na fala caipira a memória viva da formação do povo brasileiro

Referências

AMARAL, Amadeu. O dialeto caipira. 3. Ed.São Paulo: Hucitech; 1976.

BRANDÃO, A. C. A presença do R retroflexo no português brasileiro. **Revista de Dialetologia e Tradições Populares**, v. 62, n. 2, p. 265-283, 2007.

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CORDOVA, Vitor Sartori; VICTAL, Jane. O território paulistânico: um olhar existencial para além dos mapas antigos. **Labor & Engenho**, Campinas, v. 11, n. 3, p. 263-279, jul./set. 2017.

ERMAKOFF, George. **O negro na fotografia brasileira do século XIX**. Rio de Janeiro: G. Ermakoff Casa Editorial, 2004.

HAUTZ, Elizabeth Aparecida. **A origem do R caipira no Português do Brasil**. Rio de Janeiro: [s. n.], 2021.

IBGE. **Estimativas da população residente para os municípios e para as Unidades da Federação**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024.

KARASCH, Mary C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)**. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MILLER, Joseph Calder. **Em busca de comunidades**: o comércio de escravos no Atlântico Sul (1760-1830). Tradução de Robert W. Slenes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

SÃO PAULO (Estado). Empresa Metropolitana de Transportes Urbanos de São Paulo (EMTU/SP). **Vale do Paraíba e Litoral Norte**. São Bernardo do Campo: EMTU/SP, [s. d.].

SAVIETO, Monica Carolina. **Catolicismos crioulizados**: presença centro africana na região do Vale do Paraíba (SP). São Paulo: Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, 2010.

TOLEDO, Francisco Sodero. **Estrada Real**: Caminho Novo da Piedade. Campinas: Editora Alinca, 2009.